

Conflitos identitários em “Lion, uma jornada para casa”

MARIANNA RIBEIRO PIRES*

PAULA FRANCIELE DOS SANTOS**

Resumo: Este artigo objetiva uma análise do personagem principal da obra fílmica “Lion, uma jornada para casa”, no que tange à construção de sua identidade e o sentimento de pertencimento, conceitos relacionados com cultura e memória social. A narrativa do filme aborda a história de Saroo, um menino indiano de cinco anos de idade que, ao acompanhar o irmão em sua jornada de trabalho em uma estação de trem, acaba se perdendo de sua família. Depois de passar por diversas dificuldades, Saroo é adotado por um casal australiano e migra para a Austrália, contudo, ao crescer e relembrar memórias de sua infância, o protagonista inicia uma busca por sua família biológica. O estudo analisa a construção da identidade e os efeitos da imigração compulsória do protagonista infante, assim como os conflitos identitários gerados pela mudança de cultura e, posteriormente, pela busca de suas origens.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Memória Social.

Identity conflicts in “Lion, a journey home”

Abstract: The present paper aims to analyze the protagonist of the movie “Lion” considering the building of his identity and sense of belonging, concepts related to culture and social memory. The movie's narrative addresses the story of Saroo, a five-year-old Indian boy who loses his family as he accompanies his brother to a train station. After experiencing several difficulties, Saroo is adopted by an Australian couple and migrate to Australia, however, as he grows up and recalls memories of his childhood, he begins a search for his biological family. The study analyzes the identity construction and the effects of compulsory immigration by the infant protagonist, as well as the identity conflicts generated by the change in culture and, later, by the search for its origins.

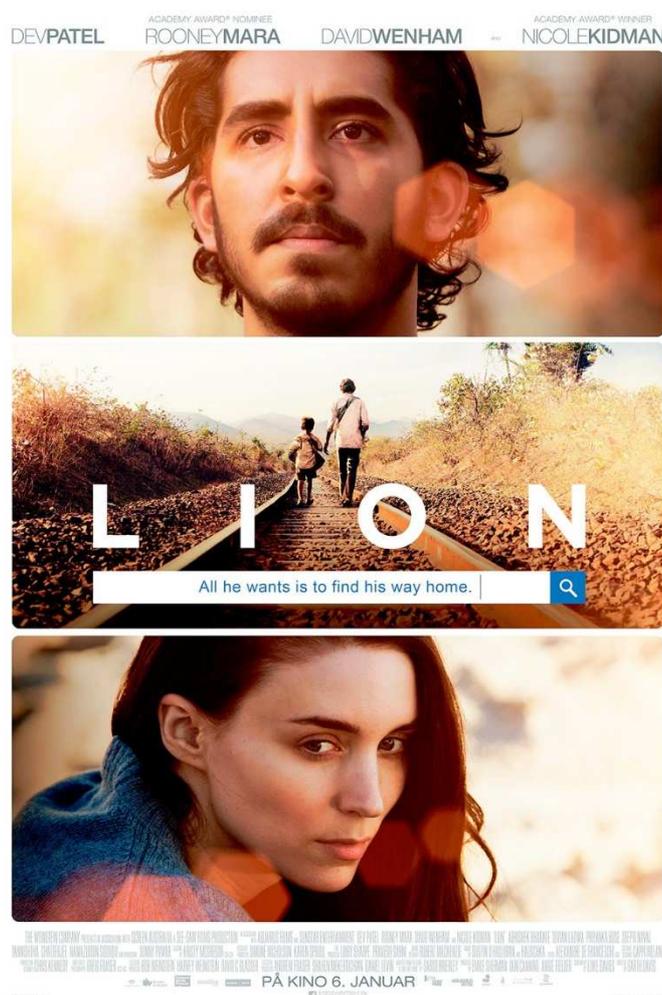
Key words: Culture; Identity; Social Memory.



* MARIANNA RIBEIRO PIRES é doutoranda e Mestre em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale).



** PAULA FRANCIELE DOS SANTOS é Graduada no curso Superior em Tecnologia em Design de Moda, pelo Instituto Federal Catarinense, Campus Ibirama/SC, Técnica em Controle Ambiental pelo SENAI/SC. Mestranda em Design na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Fonte: Divulgação, *The Weinstein Company*

1. Resumo da obra filmica

A relação entre cinema e sociedade vem historicamente passando por transformações, de forma que as narrativas audiovisuais ganham espaço já há algum tempo, como fonte para a pesquisa histórica. O cinema é uma forma de representação social, de acordo com as representações que uma sociedade dá a si mesma (VERNET, 2011), através de um certo número de ações que tornam a narrativa eficaz, relacionada à sociedade que a produz e àquela que a recebe, tendo em vista que “toda a sociedade recebe as imagens em

função de sua própria cultura” (FERRO, 1992, p.17).

No filme “Lion: uma jornada para casa” (“*Lion*”, no original, 2016), opta-se por uma abordagem sobre as questões identitárias presentes na narrativa, assim como memória e pertencimento, por meio da figura do protagonista Saroo (interpretado por Sunny Pawar na infância e Dev Patel na vida adulta). A obra filmica apresentada na Figura 1, foi dirigida por Garth Davis e baseia-se em uma história real, sendo uma adaptação da autobiografia de Saroo Brierley, denominada “A longa estrada para casa” (“*The Long Way Home*”, no original).

O enredo da trama segue a sequência descrita: Saroo, um menino indiano com cinco anos de idade, viaja escondido com seu irmão Guddu, de doze anos (interpretado por Abhishek Bharate). Guddu, por ir trabalhar, pede para que Saroo o espere na estação de trem (localizada no interior da Índia). Estando com sono, Saroo acaba dormindo na estação, enquanto espera. Em um determinado momento, o garoto entra no vagão do trem para dormir, porém ao acordar, percebe que o trem seguiu viagem para Calcutá, perdendo-se de seu irmão e consequentemente de toda sua família, dando início a série de acontecimentos.

Com o passar dos dias, Saroo é ajudado por um homem que o leva até a polícia, mas o menino não é capaz de dar informações sobre a sua própria identidade, nem de sua família. Não sabia o nome de sua mãe e nem a pronúncia correta do local onde vivia, aliás, Saroo não falava bengali, apenas hindi – ambas são línguas indianas, sendo a hindi a língua oficial desde a década de 1950 e o bengali é uma das 114 línguas ou dialetos utilizados na Índia (PANDHARIPANDE, 2002). Isso tornou impossível a atuação das autoridades na busca de sua família. Saroo é então levado para um orfanato, onde um casal australiano se interessa por sua adoção. Com sua nova família australiana, Saroo encontra uma vida confortável, e a oportunidade de estudar.

Já adulto, Saroo, ao entrar na Universidade, resolve contar sua história para seus colegas. Estes o incentivam a procurar sua família biológica, iniciada pela busca de sua cidade natal por meio da plataforma de geolocalização global *Google Earth*.

Dessa forma, Saroo inicia uma busca incansável por sua família biológica com apoio de seus pais adotivos. Após vinte

cinco anos, ele obtém pistas do local onde viveu, em especial Ganesh Talai, sua cidade natal, não “Ganestalay” como ele pronunciava, com a linguagem infantil, de uma criança de cinco anos.

Já na Índia, Saroo percebe que o local onde morou está habitado por outras pessoas, mas como trazia consigo uma foto de quando era pequeno, é levado por um homem ao encontro de sua mãe e de sua irmã. Nesse momento ele fica sabendo que o irmão Guddu havia falecido, informação que chega ao telespectador no final da obra: Guddu faleceu atropelado por um trem próximo a plataforma, onde a história se inicia.

Para fechar a narrativa, o telespectador também é informado que Saroo, sempre pronunciou seu próprio nome com uma linguagem infantil, sendo na verdade “Sheru”, que significa “leão”.

2. Cultura, memória e identidade

O presente estudo propõe uma pesquisa bibliográfica exploratória, tendo por objetivo colocar o leitor em contato com discussões de temas como a cultura, memória e identidade, contudo, relacionando-os com o enredo da obra filmica “Lion: uma jornada para casa”. Para tanto, o estudo busca analisar no protagonista Saroo, a construção de sua identidade, os efeitos de sua adoção e imigração, em tenra idade, para outro país de cultura distinta e, posteriormente, a busca por suas origens.

Para Cuche (1999), a cultura permite que o indivíduo consiga se adaptar em seu meio e que esse se adeque com todas as suas necessidades e seus planos. Isto significa que se toda a sociedade possui a mesma formação genética, o que diferencia a população são as escolhas culturais. Segundo Laraia (2009), o comportamento humano depende de aprendizados, de um processo chamado endoculturação. E, assim, como o

determinismo biológico não determina diferenças culturais, o determinismo geográfico também não. Os fatores culturais são construídos nas sociedades por meio de hábitos e comportamentos que são aprendidos e não estabelecidos geneticamente ou geograficamente, pois a humanidade não é puramente receptiva, ao contrário, a cultura age seletivamente. À luz da antropologia, Laraia (2009) diz que desde 1920, a ideia de determinismo geográfico vem sendo refutada, pois existe uma limitação da influência geográfica, podendo existir uma grande diversidade em um mesmo ambiente físico. No filme “Lion: uma jornada para casa”, este exemplo fica evidente com o personagem Saroo, que é exposto a diferenças culturais marcantes dentro da mesma unidade territorial em que teve origem. Estas diferenças ficam evidentes na dificuldade do protagonista em ser entendido, ao ser ajudado por policiais, devido às diferentes línguas e dialetos presentes na Índia.

Sobre questões identitárias, o filme apresenta a ideia de que Saroo, enquanto criança, se habitua bem à sua nova realidade na Austrália: uma nova família, um novo local e uma nova língua; aparentando assim, uma boa adaptação a uma nova identidade nacional, a agora identidade australiana. Sendo indiano e apresentando genótipo característico dos povos locais, suas características biológicas não interferem em sua cultura, passível de estímulos advindos de qualquer outra cultura que o inclua. Dessa forma, uma vez criado na Austrália, com pais australianos, o personagem absorve a cultura australiana, assim identificando-se como tal, sem se diferenciar de outras crianças criadas no mesmo país. Isto é, Saroo aprende os costumes e hábitos de seu meio social, agora a Austrália, e se adapta aos comportamentos deste. Lembrando que tanto o meio social

quanto a cultura pessoal podem ser diversos, com diferentes culturas presentes em um mesmo espaço e tempo. Dessa forma, independentemente de sua mudança para a Austrália, Saroo mantém traços culturais, aprendidos socialmente quando de sua vivência na Índia, em contato com demais indianos.

Cuche (1999) acredita, que em tempos atuais, pode-se perceber diversas indagações sobre a identidade do homem em questão à cultura. Na sociedade contemporânea, há um desejo de identificar a cultura em tudo, ao mesmo tempo que se busca pertencer a alguma destas, formando assim, determinada identidade cultural para si. No entanto, eventualmente é possível que ocorram crises culturais e/ou identitárias que afetem o bem-estar pessoal (CUCHE, 1999).

Saroo, por sua vez, não apresenta uma identidade única. Apesar de ser indiano e ter vivido na Índia nos seus primeiros cinco anos, ele constitui também uma identidade australiana e conforme já mencionado, passa a enxergar-se como um. Tal identidade é evidenciada em uma passagem do filme, onde ao ser questionado se nasceu na Austrália, ele responde que sim, para em seguida corrigir-se e afirmar que nasceu em Calcutá (Índia). Ainda nessa cena, quando lhe perguntam em qual parte de Calcutá exatamente, ele responde: “eu sou adotado, não sou realmente indiano”, dando a entender que apesar de nascido na Índia, se considerava um australiano. O protagonista até mesmo afirma torcer para o time da Austrália, evidenciando o time como um signo que reforça a identidade (sou australiano, porque não sou indiano) e também reafirmando a necessidade de pertencimento ao tempo que demonstra sua identificação com a sua segunda cultura e identidade nacional.

Sobre este aspecto, Hall (2005) salienta que:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades (HALL, 2005, p. 50).

Acredita-se que a identidade nacional se relaciona com o sentimento individual de identidade: do indivíduo saber quem é, ter conhecimento de sua ou de suas identidades. O sentimento de Saroo está em consonância com o conceito de Hall (2005) quando este explica que o sujeito pós-moderno é fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades e que algumas vezes estas identidades são contraditórias ou não-resolvidas. Afirma o autor: “o próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2005, p. 12).

Dessa forma, é possível apreender da fala de Saroo, que embora ele tenha se adaptado bem à realidade australiana, parece sentir-se perdido quanto à sua verdadeira identidade. Ora se sente australiano, mas ao responder que nasceu na Austrália, rapidamente corrige sua fala, para afirmar que na verdade nasceu na Índia. Conflita-se assim, o fato com o efeito de assimilação da cultura local sobre a identidade que, aos olhos do

próprio protagonista chega a sobrepor a realidade.

O personagem evidencia, assim, ao tempo que passa a buscar por sua família e verdadeiras origens, a vivência de conflitos na busca de sua identidade individual. Vê-se uma possível busca pelo sentimento de pertencimento. Isto é, Saroo busca contato novamente com suas origens na busca de encerrar o conflito identitário que o permeava.

Para Woodward (2012), a redescoberta do passado compreende parte importante do processo de construção da identidade atual. Sendo assim, para a autora, as identidades são históricas e estão localizadas em um ponto específico no tempo, reivindicadas pelo apelo a antecedentes históricos. Tal conceito tem relação com o personagem do filme, já que quando indivíduos retomam contato com suas histórias pessoais, esse contato possibilita a reafirmação de suas identidades, de forma a gerar o sentimento de pertencimento.

Nessa linha de pensamento, Woodward (2012) ao citar Gilroy (1997), explica que a dispersão de pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares e mostra que o conceito de diáspora¹ (Gilroy, 1997) é o que “nos permite compreender algumas dessas identidades — identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte” (WOODWARD, 2012, p. 22). Assim, também é possível estabelecer relação com Laraia (2009), sobre a ausência de um determinismo geográfico, considerando a diversidade de culturas

com o poder do território para determinar a identidade” (SANTOS, 2002).

¹ “Para Gilroy a diáspora rompe a sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência, consequentemente rompe também

até mesmo no interior de uma cultura específica.

Quanto aos conflitos de caráter psicológico, Woodward (2012) afirma que “o nível psíquico [...] trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade” e “que todos esses elementos contribuem para explicar como as identidades são formadas e mantidas” (WOODWARD, 2012, p.15).

Reiterando essa ideia, Saroo parece viver tais conflitos psíquicos quando nutre um forte desejo de reencontrar sua família verdadeira (sua identidade indiana), ao mesmo tempo que não pretende magoar sua família adotiva (sua identidade australiana). Com isso, o protagonista começa a viver uma espécie de obsessão rumo ao objetivo de reencontrar sua família biológica, ao tempo que busca reencontrar sua própria identidade, uma vez que nós somos o que somos, porque nós nos estabelecemos enquanto sujeitos a partir de uma relação com o outro.

Há na obra uma cena em especial, que parece dar início por parte de Saroo, à busca mencionada. Esse momento é quando, entre amigos, em um jantar indiano, Saroo se depara com *jalebi*, um doce típico indiano, trazendo-lhe uma memória de infância, uma lembrança de volta às tradições indianas e também à sua identidade enquanto indiano. A memória se deve ao fato de Saroo, em suas andanças com o irmão Guddu, ter contato, ver e desejar o doce *jalebi* — desejar, pois fica evidente na obra, a situação social de extrema precariedade em que vivia Saroo e sua família. De qualquer forma, no jantar entre amigos, com Saroo na cozinha mediante ao doce, a memória olfativa ocasionada pelo *jalebi*, lhe impulsiona para a busca por sua família biológica e pelo sentimento

de pertencimento a essa cultura, há muito parcialmente perdido.

De acordo com Hall (2005) as culturas nacionais, são aquelas constituídas por símbolos e representações, não apenas por instituições culturais. Desta forma, a cultura nacional representa um discurso ou uma forma de construir pensamentos que influenciam e organizam tanto nossas ações, quanto nossas próprias ideias. A cultura, ao produzir sentidos sobre a nação, é capaz de construir uma identidade conciliando histórias e lembranças que conectam o passado com o presente. Ao ver o *jalebi*, uma conexão entre seu passado e seu presente se torna evidente.

Para o sociólogo francês da escola durkheimiana, Halbwachs (1997), a memória não é unicamente individual, como já defendido na filosofia e também na psicologia comum, mas sim, faz parte de uma construção social, ao tempo que as pessoas mantêm relações com outros indivíduos e grupos. Saroo, que manteve convívio com seus familiares apenas até os seus cinco anos de idade, ao perder-se de sua família, muito além de afastar-se de seu grupo social afetivo, perdeu-se também, de sua possível memória coletiva, exilando-se de vínculos que alimentam e mantêm essa memória, de forma significativa.

Sobre cultura, identidade e memória, pode-se dizer que esta última, possui um caráter criterioso, porém mutável. Isto é, nem todas as recordações são duráveis, capazes de se estabelecerem e perdurarem na mente humana e podem, assim, sofrer alterações. Exemplifica-se novamente o caso de Saroo, que apresentava memórias difusas de fatos de sua infância, que se confundiam com informações culturalmente assimiladas. Ao analisar a obra filmica, afirma-se que a construção da memória é fundamental na compreensão da formação da

identidade de uma pessoa e, também, de seus valores morais (LAROQUE et al., 2018).

Simson (2003), afirma que a memória se trata da capacidade humana de manter informações e experiências do seu passado, cujas recordações acontecem através de “gatilhos”. Tais gatilhos compreendem, frequentemente, estímulos sensoriais diversos, como músicas, imagens, textos e odores, como evidenciado por Saroo, que ao inalar o aroma e provar um doce típico de sua cultura, recordou-se de sua família biológica, lembrança esta, acionada por cheiros e sabores. Ainda a autora menciona sobre a memória individual, que é aquela que se refere as próprias experiências e aprendizados que o indivíduo tem consigo mesmo — novamente o exemplo do *jalebi*. No entanto essas memórias ainda refletem e relacionam-se a características culturais, como por exemplo, o grupo social onde a indivíduo foi sociabilizado. É o caso da memória coletiva, que geralmente se expressa através de arquivos, bibliotecas, obras literárias dentre outros.

Através da análise da obra deste estudo, é possível identificar a relação entre memória cultural e a semiótica, uma vez que há diversas informações semânticas que despertam a memória de Saroo, durante a busca por sua família biológica. Sousa (2015), afirma a importância da semiótica para com a memória, uma vez que, as propriedades e símbolos funcionam como unificadores de uma sociedade e, assim, fortalecem a identidade de uma cultura. Um exemplo disto, são os símbolos da bandeira de cada país, que carregam uma significação cultural, enriquecendo e fortalecendo seus princípios e seus signos com a sociedade.

Braga (2011), cita que, no intuito de relembrar e reviver seu passado, algumas pessoas utilizam-se de ferramentas que acionam a memória. Tais gatilhos podem, por exemplo, constituírem-se de fotos antigas que tragam representação emocional, como a imagem dos pais, de filhos, de lugares por onde viveu ou viajou e outros momentos marcantes da vida da pessoa. Diante disto constroem-se memórias individuais que despertam uma sensação de carinho e aconchego, proporcionando então um patrimônio afetivo.

Em estudos do professor de antropologia Candau (2011), o autor afirma que existem dois tipos de memória que influenciam no processo de construção identitária: a memória de tempos profundos, que é recordada ao longo de sua história e que por mais que a pessoa não tenha projetado esta lembrança, ainda executa um papel direto sobre as representações de identidade; e a memória longa, aquela que não importa o tempo de sua história, pois mesmo que não se tenha noção cronológica do passado, ainda assim, são lembradas, tratando-se de uma qualidade associativa emocional (SCHEINER apud CANDAU, 2011, p.85).

Entende-se também que a memória de Saroo está intimamente ligada à sua infância, visto que conviveu com sua família biológica apenas até seus cinco anos de idade. Sendo assim, apesar de todas as condições adversas do convívio social que uma criança possui, relata-se que as perspectivas psicológicas do imaginário infantil possuem algo em comum, denominado de “*deficity*”. Isto é, crianças podem imaginar um mundo, que não necessariamente são formados por lembranças racionais, mas sim, com a realidade imaginada ou construída através de uma absorção incompleta de estímulos ou informações. A obra

evidencia o *deficity* quando Saroo percebe que possuía memórias incorretas sobre o nome de locais, pessoas e, inclusive, de seu próprio nome. (SARMENTO, 2003).

Considerações finais

A presente pesquisa buscou identificar, na história do filme “Lion: uma jornada para casa”, a forma como a trama apresenta questões e conflitos de identidade evidenciados por seu protagonista, Saroo. Nesse sentido, estabeleceram-se relações entre os conceitos dos autores que tratam de cultura, memória e identidade, através da perspectiva do cinema enquanto fonte para a pesquisa.

Apesar do personagem ter se adaptado bem a uma nova identidade nacional, o mesmo vivenciava conflitos de identidade a nível individual e psíquico, conflitos que o levam à busca por suas origens.

A obra, por sua vez, demonstra de maneira convincente os conflitos identitários do protagonista, trazendo à luz, temas como o impacto da cultura sobre a formação da identidade, bem como o conflito identitário que perpassa o indivíduo extraído de sua cultura originária, mesmo quando infante.

É possível ainda, estabelecer relações com o sujeito fragmentado de Hall (2005), ao percebê-lo como detentor, ao mesmo tempo, de traços de uma identidade indiana e traços de uma identidade australiana.

Vê-se, na obra “Lion: uma jornada para casa” um exemplo audiovisual das intrínsecas e conflituosas relações entre a identidade pessoal, a identidade cultural e as memórias, coletiva e individual, sobre o indivíduo.

É importante salientar que casos como o de Saroo, apresentados no filme são uma

realidade de muitas famílias no Brasil. Segundo dados apresentados por Fíguro-Garcia (2010) o número de ocorrências notificadas de desaparecimento de crianças e adolescentes no Brasil podem ultrapassar quarenta mil casos anuais. Atualmente, a nível federal, a Secretaria Especial de Direitos Humanos, mantém a Rede Nacional para Identificação e Localização de Crianças Desaparecidas (ReDESAP) para auxiliar as famílias que tem seus familiares desaparecidos e evitar que casos como o de Saroo ocorram.

referências

ALECRIM, Emerson. **Como usar o Google Earth**. Info Wester. Disponível em <https://www.infowester.com/tutgoogleearth.php>. Acesso em 18/11/2020.

BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação Patrimonial: orientações ao professor**. João Pessoa: Superintendência do IPHAN-PB, p. 19-21, 2011. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialOrientacoesAOProfessor_ct1_m.pdf. Acesso em 18/11/2020.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

FIGARO-GARCIA, Claudia. **Uma proposta de prática psicológica para casos de desaparecimento de crianças e adolescentes**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26072010-123243/publico/garcia_do.pdf Acesso em: 05/04/2021.

HALBWACHS, Maurício. **Memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LAROQUE, Luís Fernando da; BARDEN, Júlia Elisabete; ROSA, Cibele Caroline da. **Patrimônio, Memória e Identidade**: Estudo de Caso do Terno de Reis entre descendentes de açorianos no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil. *Revista Outras Fronteiras*, v. 5, n. 1, p. 123-137, 2018. Disponível em <http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/288>. Acesso em 24/11/2020.

LION, Uma Jornada Para Casa. Direção: Garth Davis. Produção de Lain Canning. Austrália, Reino Unido, EUA: The Weinstein Company, 2016, Netflix Brasil.

PANDHARIPANDE, Rajeshwari. **Minority matters: issues in minority languages in India**. *International Journal on Multicultural Societies*, v. 4, n. 2, p. 213-234, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. Gilroy, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. *Revista Antropologia*, vol. 45, n. 1 São Paulo, 2002.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. *Cadernos de Educação*, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SCHEINER, Marvin de Castro Mendonça. **A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual**: reflexões teóricas e análise fílmica a partir do filme “Valsa com Bashir”. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/263>. Acesso em 24/11/2020.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, n. 6, p. 14-18, 2003. Disponível em http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57. Acesso em 24/11/2020.

SOUSA, Rodrigo Franklin de. **Símbolos, Memória e a Semiótica da Cultura**: a religião entre a estrutura e o texto. *Estudos de religião*, v. 29, n. 1, p. 70-86, 2015. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/5790>. Acesso em 24/11/2020

VERNET, Marc. Cinema e narração. In: AUMONT, Jacques; BERGALA, Alain; MARIE, Michel; VERNET, Marc. **A estética do filme**. Campinas: Papirus Editora, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Recebido em 2020-11-25

Publicado em 2021-11-01